



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
13ª Marcha a Brasília em Defesa dos Municípios**

Brasília-DF, 20 de maio de 2010

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Meu caro deputado Marco Maia, presidente em exercício da Câmara dos
Deputados,

Minha querida companheira Erenice Guerra, ministra-chefe da Casa
Civil,

Ministros Alexandre Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais;
Luiz Paulo Barreto, da Justiça; Wagner Rossi, da Agricultura, Pecuária e
Abastecimento; Fernando Haddad, da Educação; Carlos Gabas, da
Previdência Social; Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à
Fome; Márcia Bassit, interina da Saúde; Márcio Zimmermann, de Minas e
Energia; Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão; Sergio
Rezende, de Ciência e Tecnologia; Izabella Teixeira de Melo [Izabella Teixeira],
do Meio Ambiente; Luiz Barretto, do Turismo; João Santana, da Integração
Nacional; Marcio Fortes, das Cidades; Jorge Félix, do Gabinete Institucional de
Segurança [de Segurança Institucional]; Ottoni Fernandes, interino da
Comunicação Social; João Carlos Nogueira, interino de Políticas de Promoção
da Igualdade Racial,

Deputados Elismar Prado, Manoel Júnior, Milton Monti e Sandra
Rosado,

Meu querido João Coser, prefeito da cidade de Vitória e coordenador
dos prefeitos das capitais,

Companheiro Paulo Ziulkoski, presidente da Confederação Nacional de
Municípios,

Minha querida Maria Fernanda Coelho, presidente da Caixa Econômica



Federal,

Companheiro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,
Senhor Sérgio Nazaré, vice-presidente do Banco do Brasil,
Meus companheiros da imprensa,
Companheiros prefeitos,
Secretários,
Vereadores,
Secretárias,
Adjacências aqui presentes,

Primeiro, Paulo Okamoto, lembrar você de uma coisa: ontem eu fiz uma reunião - nossa querida governadora Wilma Faria - ontem, companheiro Paulo, nós fizemos uma reunião com o primeiro-ministro Sócrates e ele me disse uma coisa extraordinária, que eu gostaria que o Sebrae – já pedi para o Miguel Jorge ir atrás... é que eles criaram um sistema de legalizar fábrica em meia hora. O mesmo tempo que um aposentado, hoje, consegue uma aposentadoria na Previdência Social em meia hora, lá em Portugal eles conseguem legalizar uma empresa exatamente em 37 minutos. Eu perguntei quanto tempo demora para fechar, demora um pouco mais. É o caso do Brasil.

Mas eu acho que era importante dar uma estudada como funciona lá, porque eles têm um balcão de venda de empresa. Eles preparam os projetos, eles vendem...Então, é importante ver isso, porque tem uma queixa aqui, que nós... Eu, na verdade, uma coisa que eu deixei de fazer e não quis fazer este ano, por causa da questão eleitoral, era criar o Ministério da Micro e Pequena Empresa, no Brasil. Não é compatível que o Ministério da Indústria e Comércio seja o representante da micro e pequena empresa. Mas, aí, os meus companheiros da imprensa iriam dizer que era questão eleitoral, e eu resolvi deixar para que quem vier depois de mim faça ou não faça.



Queria dizer para vocês que houve uma coisa importante que nós temos que valorizar: quando eu tomei posse, em 2003, eu dizia que uma das coisas que precisaria mudar, e seria um legado importante que eu queria deixar para o país, era a mudança na relação entre Estado e sociedade, entre o governo e sociedade, entre o governo e os entes federados. Por que a diferença fundamental é que, antes do meu governo, vocês faziam marcha de protesto, e nós criamos o hábito de fazer marcha de construção, marcha de reivindicação, marcha em que...

O governo federal pode não querer atender uma reivindicação por “N” razões, mas o governo federal não pode ver um prefeito ou uma instituição que representa os prefeitos que reivindica uma coisa, como se fosse um adversário, um inimigo, um cara que a gente não pode receber. Não é assim que a gente faz política. Política é, sobretudo, diálogo, conversa, ouvir os pensamentos contrários à gente.

Vamos ver o que aconteceu, agora, no Irã. Há quantos anos vocês ouvem essa briga entre Estados Unidos e Irã, Conselho da ONU e Irã? O que eles queriam? Queriam apenas colocar o Irã na mesa para sentar, para negociar, que o Irã assumisse compromisso com a Agência de armas nucleares. O que aconteceu? Nós fomos ao Irã e conseguimos, depois de dezoito horas de reunião, depois de duas viagens do Celso Amorim ao Irã, nós conseguimos que o Irã fizesse aquilo que o Conselho de Segurança queria que fosse feito há seis meses... E foi feito. É muito engraçado, é muito engraçado que algumas pessoas não gostaram que o Irã aceitasse uma proposta que, anteriormente, era dos que não gostam agora. Porque tem gente que não sabe fazer política se não tiver um inimigo, e eu sou daqueles que só sabem fazer política construindo amigos.

Bem, eu fico triste porque no Brasil nós temos um complexo de inferioridade na cabeça de muita gente. É triste isso. País colonizado, que conseguiu a sua independência em 1822, já era para ter perdido o complexo de



inferioridade, já era para ter perdido. Nós temos uma parte da nossa elite política, a parte da elite que escreve colunas neste país, que fica dizendo: “Mas o que o Brasil tinha que se meter? Aquilo não é coisa do Brasil”. Mas quem é que disse que era coisa dos Estados Unidos também? Onde é que foi aprovado? Ora, na verdade, nós demos uma contribuição ao multilateralismo, que deveria ser levada em conta, e esse é o jeito do Brasil fazer as coisas, por causa da nossa origem. A miscigenação do povo brasileiro é que permite que a gente tenha a versatilidade que eles não têm.

Eu aprendi a educar cinco filhos sem nunca dar um tapa na bunda deles, porque se bater resolvesse, a gente não tinha tanto bandido neste mundo, a gente não tinha. O que resolve é um processo de conversa, de educação. É isso que nós fizemos, discutindo com muita seriedade, junto com a Turquia, José Alencar. Não foi uma tarefa fácil. Aquela francesa, há quatro meses e meio a gente estava discutindo com o Irã para libertá-la. Ninguém soube. Só eu e o Celso sabíamos, até o dia em que ela foi libertada, porque você não precisa fazer política pela imprensa. Para a imprensa, você anuncia o resultado.

Houve um avanço extraordinário e vamos esperar agora o que vai acontecer. A verdade nua e crua é a seguinte: o Irã, que era vendido para todo mundo, como se fosse o demônio, e que não queria sentar. O Irã resolveu sentar à mesa de negociação. Eu quero ver se os outros vão cumprir aquilo que queriam que o Irã fizesse.

Eu aprendi também, Paulo e Zé Alencar, que quem quer fazer política não coloca a política como uma questão de honra. Quem quiser tratar a política como uma questão de honra é melhor não ir para a política. Política é, sobretudo, uma questão de compreender os momentos em que você deve ou não tomar decisão; em que você deve avançar ou você deve recuar; que você deve ganhar ou deve perder; é assim que as pessoas deveriam aprender a fazer política. Eu acho que o Brasil não tem que pedir licença a ninguém para



conversar com quem quer que seja, porque nós temos maioria e temos competência para isso.

A segunda coisa que eu aprendi nesses oito anos, convivendo com vocês, é que podem estar certos do que eu estou falando. Não será mais possível na história deste país um governante ser eleito presidente da República, em qualquer época, e achar que ele pode prescindir do trabalho conjunto com as cidades e com os prefeitos. Não será possível, porque a verdade é que ele pode até querer, mas o carro não anda e, portanto, a coisa não vai funcionar. Um tempo desses eu tive uma conversa com o meu companheiro Fernando Haddad, há uns oito meses. Nós temos um problema, sempre que a gente discute o analfabetismo no Brasil, nós temos um problema. Nós conseguimos universalizar a entrada das crianças nas escolas, mas tem um estoque de pessoas acima de 20, de 30 e de 40 anos que estão analfabetas. É muito difícil você chegar a essas pessoas, e nós nunca chegaremos via governo federal.

No Brasil, eu lembro que na década de 80 tinha muitos educadores que disputavam, disputavam nos encontros quem era que alfabetizava em menos horas – 30 horas, 40 horas, 28 horas, 18 horas –, o método Paulo Freire, o método Lula, método Fernando Haddad, método João Carlos Coser, método Paulo Ziulkoski, ou seja, tinha método para tudo quanto é jeito. O dado concreto é que a gente continua com um percentual alto de pessoas acima de 30 anos analfabetas. Tem diminuído. Eu disse ao Fernando Haddad: Fernando, eu acho que a gente não conseguirá alfabetizar essa gente, se a gente não passar recurso e responsabilidade para os prefeitos, porque no fundo, no fundo é o prefeito que sabe onde está. Vamos pegar uma cidade. Para pegar uma cidade grande, mas que é... Santarém. Pegar uma cidade que tem um território de 27 mil quilômetros quadrados. Imaginem uma cidade com 27 mil quilômetros quadrados, é maior do que muito país europeu! Então veja, tem uma diferença muito grande entre aqueles que moram no perímetro urbano e



aqueles que você tem que adentrar e entrar horas de carro, para saber que ele está lá no meio do mato. Quem vai buscá-lo? Não é o governo federal, é exatamente o prefeito. Então, nós precisamos construir uma discussão para que a gente possa atender essas pessoas.

Eu descobri, também, no Brasil Sorridente. Quando eu fui inaugurar o primeiro Brasil Sorridente, eu fui à cidade de Sobral, lá no Ceará, e inauguramos um ambulatório extraordinário para cuidar das pessoas pobres de Sobral. Depois, eu fui inaugurar um segundo na cidade de Londrina, que é uma cidade rica, uma cidade bonita, mas também tem gente pobre e também tem direito de ter o Brasil Sorridente. Eu fique pensando: o pessoal que mora no interior dessa cidade tem condições de pegar um ônibus e ir até o dentista? Não tem. Às vezes ele nem sabe que tem um dentista de graça para ele, para fazer tratamento de canal, fazer ortodontia, fazer prótese de graça, nem sabe.

Eu peguei um cidadão de Pernambuco, lá do Porto de Suape, não sei se aqui tem prefeito de Pernambuco, tem? Uma ocupação de terra no Porto de Suape chamada de Fazenda dos Trabalhadores. Eu recebi uma delegação deles aqui, e tinha um baixinho que só tinha um caquinho de dente na boca. E eu falei: como é que você come, companheiro? Ele falou: “Ah, só caldinho, ou engulo o feijão inteiro, não tem como mastigar. Fico só com esse dentinho, tentando acertar: poc, poc, poc, para quebrar...” Parece que está prospectando petróleo. Aí, eu peguei o Governador e falei: Governador, leva o companheiro ao Brasil Sorridente e vamos tratar. Menino, eu fui agora ao Porto de Suape, ele está...! Falou para mim: “Presidente, estou comendo até castanha”. Eu falei: muito bem, parabéns. Ele falou: “Presidente, mas eu preciso de um outro favor seu”. Eu falei: o que é? “Agora, eu quero um carrinho, mesmo que velho. Um carrinho, um carrinho para eu andar por aí”. Eu falei: olha, o dentinho, deu para colocar; o carrinho, você peça para outro.

Eu fui para a Alemanha, fui para a Alemanha. O MDA me deu uma fotografia, uma revista bem feita, bonita, colorida, a coisa mais extraordinária,



orgulho nacional. Aí eu estou lá folheando, para mostrar para um presidente de um país europeu, estou lá folheando, quando eu vejo uma mulher e um homem no meio de uma plantação, não sei se de milho, não sei de outra coisa, uma mulher que devia ser descendente de italiano ou de alemão, devia ser no Rio Grande do Sul a foto, e um negro com um dente só na boca, rindo maravilhosamente. Eu fiquei tão nervoso! Eu falei para o meu companheiro Guilherme: Guilherme, não dava para colocar um dente nesse companheiro, antes de tirar essa foto? Esses dias me trouxeram a foto do companheiro, com uma dentadura nova, está uma maravilha!

Bem, aí eu descobri que era preciso que a gente tivesse duas políticas: uma é você manter os centros odontológicos nas cidades para cuidar do povo pobre da periferia. Mas é tão bom o Brasil Sorridente, que a classe média está usando, e é bom usar! Mas então, estamos contratando... Comprando 160 ambulâncias, para que a gente possa colocar ambulâncias nas cidades que pertencem aos Territórios da Cidadania - que são as cidades com menos IDH - para que essas ambulâncias, equipadas com tudo o que for necessário que tem em um laboratório para cuidar de odontologia, [sejam usadas] para andar na periferia pegando as pessoas, limpando os dentes da pessoa, tirando moldes, colocando prótese, obturando dentes. Por que o pobre do Brasil não tem o direito de ser tratado com dignidade?

Então, nós vamos agora... Eu penso que até o final do ano estarão prontas as ambulâncias que nós estamos entregando. E isso só é possível fazer se a gente tiver uma extraordinária relação com os prefeitos. Se a gente não tiver relação com os prefeitos, você define a política aqui em cima, ela não passa sequer pelos estados.

Não pensem que foi fácil a gente transferir dinheiro diretamente para as prefeituras. Na época era o Trevas, ele sabe o quanto foi difícil. Não pensem... Por que a Emenda 29 não passa? Não é porque o Presidente da República não quer. Quando eu sair daqui, perguntem ao Presidente da Câmara por que



não querem, por que não passa? É uma vergonha, é uma vergonha! Tem gente que faz um campo de futebol e fala que é dinheiro da Saúde. É, e isso está muito claro, já, todo mundo sabe. Já faz dois anos que a gente mandou para ser votada – três anos, na verdade – e não votam.

Então, eu penso, eu penso que... eu não sei se vocês vão mudar de hábito, mas eu acho que a Marcha, ela tem que vir aqui no governo federal reivindicar o que é do governo federal; depois ela tem que sair daqui e ir ao Congresso Nacional reivindicar o que é do Congresso Nacional; depois ela tem que voltar para o estado e reivindicar o que é do governador. São três movimentos que vocês precisam fazer. Eu estou muito à vontade para dizer isso para vocês porque eu tenho consciência de que quando eu deixar a Presidência, eu vou continuar vendo mais prefeitos do que governadores e presidente, porque os prefeitos estão mais próximos de mim. Onde eu pegar um carro e andar, eu vou encontrar um prefeito. Um presidente, só quando ele me chamar, ou um governador, só quando ele me chamar. Estão mais distantes.

Então, eu penso que essa foi a grande conquista que nós tivemos neste país, companheiros. Foi essa interação entre os entes federados, que ainda está truncada, porque eu acho que falta aprimorar a relação com o Congresso... Eu acho que, por exemplo, numa viagem a Brasília, a Frente e a (incompreensível) deveriam pedir uma reunião com o Colégio de Líderes do Congresso, o Colégio de Líderes, e falar o seguinte: olha, nós já entregamos a nossa pauta para o governo federal, agora queremos entregar a nossa pauta para a Câmara dos Deputados, para o Senado, e depois nós vamos entregar para o governador. Se for o caso, ir até Roma e entregar para o Papa. A verdade é essa, companheiros, a verdade é essa. Eu aprendi isso na minha vida, e por isso eu cheguei a presidente. Eu tenho consciência que quanto mais conquistas vocês tiverem, mais vocês vão querer conquistar. É assim a vida, é assim. Quando eu era dirigente sindical e eu fazia greve, o cara me dava 10,



na outra eu queria 11; ele me dava 11, na outra eu queria 15.

Então, eu tenho consciência, companheiros, do que nós construímos neste país na relação entre os entes federados brasileiros. Saio depois de oito anos com a consciência de dever cumprido, mas, ao mesmo tempo, saio com a consciência de que poderia ter feito muito mais. Esse negócio de governar é que nem amor que a gente tem com a família da gente: muitas vezes a gente é rude com o pai da gente, muitas vezes a gente não dá a atenção necessária, muitas vezes a gente casa e não passa o final de semana mais com o pai, não passa mais com a mãe, a gente constrói a vida, e a gente só vai perceber a importância que eles têm quando eles não existem mais.

Então, nós construímos um legado que eu tenho certeza absoluta que ninguém vai poder desmontar. Ninguém vai poder desmontar porque eles têm um paradigma agora. Qual é o paradigma? Foram os oito anos do meu governo. Ora, se um metalúrgico, quase analfabeto, que não era para ganhar as eleições e ganhou, consegue fazer isso com a gente, por que alguém que tem diploma universitário não pode fazer mais? Por que vocês não podem cobrir mais?

Então, eu acho que tem um campo aberto extraordinário para vocês conquistarem mais coisas, e eu estou convencido de que é a forma mais justa de a gente fazer política, é a forma mais justa: é a gente transferindo responsabilidade mas, junto com a responsabilidade, transferindo dinheiro para as pessoas poderem cumprir com aquela responsabilidade.

E aí entra, para terminar, a questão do crack. O crack é uma coisa ainda nebulosa. Nós já sabemos os efeitos que ele causa, já sabemos a dureza para quem utiliza o crack, da família, mas cientificamente tem poucos estudos ainda sobre a questão do crack. O que a gente sabe é que o crack não é uma droga de rico, é uma droga mais para pobre, e a gente sabe que ela está sendo utilizada não nos grandes centros urbanos, está sendo utilizada nas pequenas cidades, inclusive com criança em escola. O que é grave é que o crack mata e



o efeito do crack, segundo eu fui informado, me parece que é entre cinco e 15 minutos de duração o efeito do crack. Então, a pessoa que acende o crack vai estar sempre querendo acender outro cachimbinho daquele porque o efeito é violento e muito curto.

Bem, veja que coisa... se eu estiver contando uma mentira aqui, o Ministério da Justiça me corrija, ou especialista: o aparecimento do crack, ele se deve pelo combate à cocaína. Na medida em que você começou a diminuir a venda de acetona, de éter para fazer o processo de transformação na cocaína, o pessoal começou a vender a pasta bruta, e essa pasta bruta é exatamente o crack. É barato e qualquer um pode utilizar, e ela está tendo um efeito devastador.

Eu pedi ao ministro Felix que reunisse todo o pessoal que cuida dessa questão de droga no país, e nós vamos tentar encontrar um jeito de jogar muito duro para combater o crack. Nós queremos utilizar a parceria com os prefeitos. Para isso, nós vamos querer que os prefeitos, os governadores, os sindicatos, as igrejas, que todos participem, porque nós queremos enfrentar isso, eu diria, de modo decisivo, especialmente... a questão de todas as drogas, mas a questão do crack, que eu acho que nós só vamos combater se nós tivermos medidas com muita eficácia para a gente adotar. Aí precisa prefeitos, governadores, igreja católica, igreja evangélica...

O consumo do crack já não está restrito às populações mais fragilizadas, como os moradores de rua. Os traficantes procuram envolver, como apoio para as suas atividades ilegais e como consumidores, crianças e adolescentes, que assim podem entrar em um caminho sem volta, dado o poder letal do uso da droga, justamente em um momento de tantas e boas perspectivas para a juventude brasileira. Nós não vamos deixar uma geração de jovens brasileiros perder um futuro cada vez mais promissor. O que nós temos que agir é agora. O Plano Integrado, do governo federal, de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas, que será detalhado hoje à tarde pelos ministros das áreas diretamente



envolvidas... Vai ter um debate aqui hoje para os prefeitos. Era importante que os prefeitos participassem porque é primordial a participação dos prefeitos, e nós não estamos querendo que os prefeitos assumam mais uma tarefa. O que nós queremos é que os prefeitos participem de mais uma política onde nós, do governo federal, em função do projeto apresentado pelo prefeito, vamos financiar a política adotada na cidade para combater o uso do crack.

Nós vamos investir, este ano, entre... A gente está decidindo agora, quando... Vamos colocar R\$ 410 milhões este ano para que a gente possa (incompreensível). Nós vamos treinar... O Plano vai envolver treinamento de profissionais na rede pública de saúde e assistência social para atender os usuários e a família, permitirá a prevenção, o tratamento de usuários e a reinserção social e ocupacional. Além disso, o Plano contempla ações de caráter estruturante com estudo aprofundado, em conjunto com universidades e centros de pesquisa, dos efeitos do uso da droga sobre os usuários e os seus danos econômicos.

Nós precisamos acabar com o “achismo” e entender com precisão o problema do crack. O Plano de Enfrentamento do uso do Crack prevê a coordenação e integração das ações em áreas como saúde, educação e assistência social. Também prevê a coordenação das ações na área de segurança pública, com planejamento e ações conjuntas para combate ao tráfico envolvendo a Defesa, a Justiça e a Receita Federal. Temos que, em conjunto com as autoridades de segurança dos estados, manter, mapear com precisão a rota dos tráficos e reprimi-la de maneira decidida. O Plano anticrack também prevê ações de mobilização da sociedade civil organizada e este será o fator decisivo do sucesso.

O Brasil tem dado prova de que as ações mobilizadoras dão resultado. Foi assim com o Programa Nacional Antiaids, lançado no começo dos anos 90 e aprimorado por sucessivos governos e pela sociedade. Da mesma forma, o sucesso do combate ao tráfico e à violência no Rio de Janeiro, com ações



sociais e de infraestrutura nas regiões carentes e a implantação de Unidades de Polícia Pacificadora e os Territórios da Cidadania, do Pronasci. Comprovo com o esforço republicano planejado e bem articulado e a mobilização da sociedade.

Bem, companheiros, eu não sei se vocês... Acho, Paulo, que você e o João Carlos Coser, depois, independentemente da exposição dos ministros aqui, Felix, seria importante, depois, fazer uma reunião com as entidades para que a gente pudesse decidir o engajamento, que eu acho que se os prefeitos não tiverem o compromisso de tomar conta da sua cidade... eu sei que isso custa dinheiro, e nós temos que colocar o dinheiro. Eu não quero ser daqueles que querem passar apenas mais responsabilidade. É uma tarefa e o dinheiro para cumprir aquela tarefa, é outra tarefa e o dinheiro para cumprir aquela tarefa, para que as coisas possam funcionar.

E o exemplo mais vivo que nós temos é o programa de combate ao desmatamento. Nós passamos a vida inteira brigando – governo federal, governos estaduais e prefeitos da Amazônia – porque desmatavam lá no Mato Grosso do Sul. Nós criamos um programa, envolvemos o prefeito, envolvemos o governador, já há dois anos consecutivos nós temos o maior desmatamento que já foi medido na história deste país, numa demonstração... ou melhor, o menor desmatamento que nós já tivemos no Brasil, numa demonstração de que se a gente construir parceria, vocês compreenderem a seriedade do governo federal, o governo federal compreender a seriedade dos projetos de vocês, nós poderemos estar dando o exemplo ao mundo de que este país vai combater o crack com a perfeição que nenhum outro país até agora conseguiu fazer.

No mais, meus companheiros, eu quero, eu quero... no mais... Deixa eu dizer uma coisa para vocês: eu fico até constrangido de discutir o pré-sal, porque essas coisas a gente não poderia discutir num ano eleitoral. Essa coisa, na verdade, nós mandamos um projeto para o Congresso Nacional, nós



mandamos uma coisa bem partilhada – dois projetos – [para] cuidar das cidades que não têm o petróleo, dos estados que não têm o petróleo, cuidar dos que têm, e mandamos uma coisa muito madura, muito (incompreensível), depois de horas de discussão.

Lamentavelmente, lamentavelmente, muitas vezes a gente manda para o Congresso Nacional um projeto e lá, na discussão da sobrevivência do mandato de cada deputado, eles fazem coisas que nem sempre contribuem, não é isso, Milton? Nem sempre contribuem.

Então, eu, no fundo, no fundo, gostaria que a gente pudesse ter um tempo para que a gente pudesse sentar com as entidades, sentar com a Petrobras, sentar até com os governadores e discutir, porque é uma coisa de interesse de todos. O que nós não queremos é que o dinheiro entre no ralo comum, como entrou com o *royalty* logo no começo, e que você não cria uma coisa... um carimbo para dizer o seguinte: você vai cuidar da educação? É da educação. Vai ser dez anos? Vai ser dez anos. Mas, enquanto a gente não tiver uma educação de qualidade neste país, o dinheiro vai ser para a educação, não vai ser para outra coisa. Se a gente não define isso, o dinheiro vai entrando e a gente vai gastando. Então, nós pensamos nisso, nos preocupamos, fizemos a proposta, lamentavelmente... Vamos ver o que vai acontecer. Eu gostaria que prevalecesse a nossa proposta de deixar para um outro momento, fora do debate eleitoral.

Vocês viram, agora, a votação da Previdência, do fator previdenciário. Tem gente que acha que ganha voto fazendo isso, tem gente que acha que ganha voto. Quando, na verdade, se o povo compreender o que significa isso, essas pessoas podem até não ganhar o tanto de votos que pensam que vão ganhar.

Como presidente da República, e vocês como prefeitos, a gente tem que agir com a maior responsabilidade porque se a gente quebrar a prefeitura, o estado ou quebrar o governo, a gente não recupera no curto prazo, não.



Então, eu só queria que vocês tivessem a certeza do seguinte: eu... não pensem que eu vou sair do debate do pré-sal porque vou sair da Presidência, não pensem. Eu... eu vou, vou continuar tendo muita disposição de continuar debatendo porque eu vejo no pré-sal a possibilidade de a gente consertar este país neste século XXI. A gente não pode é permitir que o dinheiro seja tratado por interesse pessoal. Então, eu só quero que vocês tenham certeza do seguinte: nós fazer o melhor, eu tenho certeza de que vamos fazer o melhor, porque este país não pode perder a seriedade que conquistou. Eu acho que tudo o que nós conquistamos até agora é uma coisa extraordinária, que é uma conquista do povo brasileiro, e a gente não pode jogar fora esse patrimônio que nós construímos.

Aqui, antigamente, todo prefeito vinha para cá, a gente vinha até com uma certa desconfiança uns dos outros. Hoje nós sabemos o seguinte: cada um tem sua responsabilidade, cada um tem seu partido, cada um tem seu candidato, mas, sobretudo, as nossas responsabilidades são comuns porque o objetivo principal é tratar do povo com respeito e dignidade.

Um abraço, e até a próxima Marcha. Quero, de coração, agradecer a todos os prefeitos pelo tratamento que me dispensaram nesses sete anos. Que Deus abençoe vocês. Vocês têm três anos de mandato ainda, espero que vocês cumpram tudo o que vocês assumiram, de compromisso. Se não puderem, paciência.

(\$211A)